

# O CLÁSSICO NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN<sup>1</sup>

Amanda Batista da Silva Santos<sup>2</sup>

## Resumo

São características da obra da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen a fluidez e a recorrência de temáticas – mar, tradição, memórias –, de que se pode destacar a presença da mitologia grega em toda a sua totalidade, recuperada numa face contemporânea que se mostra presente, sobretudo, nos livros *Dia do Mar* e *Coral*. Nesse plano, configura-se a busca de uma identidade e da representação feminina por meio da personagem mitológica Eurídice, numa transposição de um tempo anterior existente para o real em protagonização e em religiosidade. Com vistas a analisar os poemas que figuram a personagem mitológica em questão, recorreu-se aos estudos de Eliot (1989), para se analisar a inspiração poética e concretização literária da autora; o sentimento e a categorização do clássico viu-se com Monfardini (2005), Vernant (2006), Funari (2002), Eliade (2007) e Sousa (1981), com o fito de se aprofundar o que diz respeito ao mundo grego — em particular, o mito — e a relação desse ambiente com a obra de Sophia. Além disso, empregam-se Harvey (1989) e Graves (1985) para abarcar a significação da cultura Greco-Latina.

Palavras-chave: Antiguidade Grega. Sophia de Mello Breyner Andresen. Clássico. Mulheres. Religiosidade.

## Resumen

Las características de la obra de la poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen son la fluidez y la recurrencia de temas – mar, tradición, memorias –, en los que se destaca la presencia de la mitología griega en toda su totalidad, recuperada en un rostro contemporáneo que está presente ., especialmente en los libros *Dia do Mar* y *Coral*. En este plan, la búsqueda de una identidad y representación femenina se configura a través del personaje mitológico Eurídice, en una transposición de un tiempo anterior existente a lo real en protagonismo y religiosidad. Para analizar los poemas que protagonizan al personaje mitológico en cuestión, se utilizaron los estudios de Eliot (1989) para involucrar y analizar la inspiración poética y la concreción literaria del autor; el sentir y la categorización del clásico se vio con Monfardini (2005), Vernant (2006), Funari (2002), Eliade (2007) y Sousa (1981), con el objetivo de profundizar en lo que concierne al mundo griego y adentrarse en este entorno. dentro del trabajo de Sophia. Además, se utilizan Harvey (1989) y Graves (1985) para abarcar el significado de la cultura greco-latina.

Palabras clave: Antigüedad griega. Sofía de Mello Breyner Andresen. Clásico. Mujeres. Religiosidad

## 1. Introdução

A obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, escritora portuguesa, significativamente, se caracteriza pela presença de elementos que trazem à tona o clássico grego-latino. Influenciada por esses elementos mitológicos e por algumas de suas viagens à Grécia, a autora traz para a modernidade uma transposição poética que sai de um ambiente mítico de um tempo que, para o receptor coetâneo, aparenta ser desconhecido e inexistente, para um tempo contemporâneo visual que se entrelaça com a realidade do leitor, a partir do conhecimento do mito presente.

Os mitos e elementos que compõem sua obra são adotados de maneira que, transcendendo a esfera temática, recriam uma identidade poética e criação de um eu lírico precursor de uma relação com o mundo humano e o mundo mítico. Em análise e fundamentação teórica do mito, “destacam-se aqueles que dizem respeito a uma história “sagrada”, que “relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio” (ELIADE, 1986, p. 11). Dessa forma, existe uma narrativa criada por Sophia, na qual esse tempo exposto pode ser caracterizado em sua obra como a trajetória dos elementos mitológicos: a natureza; a invisibilidade do tempo; o sagrado. Essa reutilização do mito faz com que o homem se permita assistir novamente aos “eventos fabulosos” presentes nesse outro mundo, representados por ‘Entes naturais’.” (FERNANDES, 2014, p. 110).

Esse percurso do tempo mítico também poder ser caracterizado na figura feminina da personagem mitológica Eurídice, a qual, junto com seu amado Orfeu, passa do mundo dos mortos ao mundo dos vivos em uma recriação poética recriada pela poetisa de uma forma em que o mito se integra numa realidade contemporânea. Buscando-se inspiração em Sousa (1981, p. 4), pode-se dizer: “Se digo ‘ lonjura [do mito]’, não só nego a proximidade, mas a proximidade e a distância, porque o distante sempre se poderá volver em próximo [...]”. Esse distante é determinado pelo tempo nulo presente no mito e a proximidade desse tempo em distância pode ser marcada pela transposição poética de Sophia na modernidade e, também, em como ela compõe a representação feminina dentro desses ambientes.

Conjuntamente com o clássico e a refiguração da personagem feminina, a autora traz a religiosidade presente no ambiente em que mito se faz presente com seus elementos em recriação poética; em contraponto, a religião mitológica, apesar de trazer características pagãs, se assemelha à religião cristã em um elemento

específico presente nas análises do poema “Eurídice” (V. adiante) inspirado pelo mito e construído por um eu poético que se caracteriza dentro desses ambientes religiosos que se mostram como “eventos rememorados ou reatualizados” (ELIADE, 2007, p. 22).

## 2. Perfil de Sophia de Mello Breyner Andresen

Sophia de Mello Breyner Andresen se deslumbrou com a escrita e a pessoa de Homero, poeta épico da Grécia antiga, e expandiu todo o conhecimento e todas as vivências acumuladas em estudos sobre a Grécia e em viagens ao país mediterrâneo. Nesse percurso, sempre esteve em busca de algo que pudesse enriquecer seus pensamentos para as vivências e produções poéticas. O essencial na escrita de Sophia se concretiza em uma via elemental, composta por fatores da natureza – sol, mar, jardim – e, em especial, por elementos e personagens da mitologia grega.

Trazendo-se uma perspectiva do crítico Carlos Ceia (1996, p. 5), conhecido como sabedoria, o nome Sophia, foi comparado com uma utilização já feita por Homero, o qual articulava o termo à habilidade. Nascida em Portugal, na cidade do Porto, é uma poetisa portuguesa que começou a escrever muito jovem, aos 12 anos. Sua pessoa vai muito além dos escritos: desde a infância, demonstrou ser uma menina independente — era autodidata e tinha sempre sua própria cultura, o que era perceptível para todos que a rodeavam (PANAVIDEO, 2018).

Frequentou o curso de Filologia Clássica na faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e não chegou a concluí-lo, mas, por estar familiarizada muito cedo com a escrita, escreveu livros infantis e outras obras muito importantes no decorrer de sua trajetória, como *A menina do mar* (1958), *A fada Oriana* (1958), *O rapaz de bronze* (1966), *O nome das coisas* (1977), *Livro sexto* (2003). A autora faleceria em 2004.

Logo após o seu *Livro Sexto* ter recebido o prêmio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores em 1964, Sophia adentrou no âmbito político, sendo candidata a deputada à Assembleia Constituinte pelo partido Socialista – em meio ao momento cívico da época da ditadura salazarista, sua poesia tomou um lugar de liberdade.

A casa onde Sophia morou era o mesmo ambiente no qual ela contava a história sobre o Rapaz de Bronze, que se passava no jardim. O rapaz era uma estátua de bronze e, durante a noite, tomava vida juntamente com as diversas flores que também viviam no mesmo espaço. Essa experiência se converteu numa das primeiras obras da autora, numa expressão marcada por encantos e personagens mágicos. Em fase adulta, compartilhou um pouco de sua vida política e como poetisa com seu esposo, Francisco Sousa Tavares, jornalista e advogado oponente ao regime salazarista, com o qual teve cinco filhos. David Mourão-Ferreira caracteriza Sophia como uma mulher repleta de virtudes, dentre as quais revelam-se em sua poesia, moralidade, meditação taoista – “crença apaixonada nos fenômenos reais, energia individual que está perante entre nós, atuação adequada sobre as coisas do mundo e ética” (MOURÃO-FERREIRA *apud* CEIA, 1996, p. 7).

Em "Arte Poética II", ela diz: “A poesia ... pede-me antes a inteireza do meu ser, uma consciência mais funda do que minha inteligência, uma fidelidade mais pura do que aquela que eu posso controlar.” (ANDRESEN, 2018, p. 362). Podemos testemunhar, aqui, que a autora se projeta amplamente em sua poesia e é dessa forma que veremos Sophia em todo seu percurso poético: inteira e em busca do real das coisas em sua essencialidade. A literatura, a sua obra, caminha em paralelo com a vida, numa representação da vida em momentos de escrita. A autora relatou (RTP Arquivos, 2022) que não seguia nenhuma estética ou movimento, mesmo que em alguns de seus poemas o elemento da natureza estivesse muito presente e que fosse bem característico do Novo Realismo. A estética de suas obras vai de encontro à de outros autores da época, por ser mais sentimentalista, justamente por tratar a poesia como uma faceta do real, mas com uma apreciação do interior do homem que persiste por todas suas obras.

Sempre a poesia foi pra mim uma perseguição do real. um poema foi sempre um círculo traçado à roda duma coisa, um círculo onde o pássaro de real fica preso. (RTP Arquivos, 2022.)

Não se limitando por nenhum movimento literário específico, Sophia segue uma tendência que remete aos elementos da natureza e que também possui forte influência dos elementos gregos, como a presença das águas nas Ilhas Gregas; alguns de seus poemas refletem movimentos, movimentos reais do mar, que vêm e vão e não possuem pontuação, pois a ideia é não causar perturbação nos movimentos.

“Mar”

I

De todos os cantos do mundo  
Amo com um amor mais forte e mais profundo  
Aquela praia extasiada e nua,  
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.

II

Cheiro a terra as árvores e o vento  
Que a Primavera enche de perfumes  
Mas neles só quero e só procuro  
A selvagem exalação das ondas  
Subindo para os astros como um grito puro.  
(ANDRESEN, 2018, p. 69.)

A autora vê o mar como refúgio para seus problemas; não só o mar, mas também os outros elementos, imagens e sensações que a natureza proporciona – “praia extasiada e nua”, “cheiro...que a primavera enche de perfumes”. Sua obra convida o leitor a ter essa fuga da vida junto com o eu lírico, anda lado a lado e se preocupa com o quanto o real pode estar próximo da poesia e das vivências poéticas — “[...] a obra de arte faz parte do real e é destino, realização, salvação e vida.” (ANDERSEN, 2018, p. 364.)

### 3. Conceito de mito

Em parte da sociedade atual, o mito é considerado uma “ficção”, algo que não é real e que possui uma imagem abstrata consolidada por sua existência na essência da antiguidade (cf. MONFARDINI, 2005). Partindo dessa perspectiva de olhar individual, o mito é um ponto de partida para desenvolver outras formas de pensamento, ele, como instância, nem sempre está singularizado em culturas, mas sim tem uma influência sobre elas.

A cultura clássica criou valores intrínsecos que, ao longo do tempo, foram ao mito, agregando um valor religioso ou alguma outra recriação atual recuperada pela cultura de massa televisiva. Com o passar dos séculos, a arte foi se apropriando dos mitos e essas recriações se tornaram mais mitológicas que o próprio mito. “É certo que esses mitos não ‘vivem’ agora como ‘viviam’ no orbe do helenismo ... entre outras coisas, porque os gregos não mitificaram a sua mitologia como nós a mitificamos.” (SERRA, 1999, p. 17). Na contemporaneidade, essa mistificação

humana do mito trouxe recriações e novos espaços, assumindo sentidos dessa mitologia que antes não existiam e, agora, mascaram e perpassam os mitos, da antiguidade à atualidade — “a distância se converte em lonjura, o agora, em outrora.” (SOUSA, 1981, p. 19).

O tempo presente em lonjura caracteriza o mito como um acontecimento singular em uma outra geração, não só presente nos desenlaces da oralidade, mas na ressignificação da palavra, o qual vai além da linguagem que é reputada na hodiernidade (cf. SOUSA, 1981). Consoante Brandão (2000), as verdadeiras histórias míticas sucederam num tempo nulo, com intervenções sobrenaturais desconhecidas pela sociedade, e foram parcialmente ou totalmente transmitidas de maneira coletiva por gerações, de forma que a vivência dessa experiência mítica foi se amoldando a uma imagem individual que possui uma essência, neste instrumento invisível aos olhos.

Em que pese à condição apresentada, os princípios mitológicos possuem relações estreitas com a realidade; ou seja, com a vida. Trazendo mais uma vez um passado distante – lonjura e outrora (SOUSA, 1981) –, na redescoberta desse mito, um passado desconhecido e absoluto é exposto, saindo de sua forma abscôndita, pois uma experiência vivida em outrora e transcendida na realidade (re)incorpora o mito à realidade. É possível realizar essa transcendência mitológica sem utilizar apenas a palavra “mythos” a partir da palavra originária do grego; a vivência longínqua que se tem desse elemento está ligada à representação mitológica que é dada a ele. No entanto, reviver o mito é muito mais que desvendá-lo: é reatualizá-lo na realidade através do rito: “[...] é o poder de suscitar ou, ao menos, de reafirmar o mito” (BRANDÃO, 2000, p. 39). É uma linha tênue existente entre o mundo real e o mundo inteligível retratado nessa vitalidade mitológica, na qual há uma transcendência entre essas duas unidades de um tempo que se mostra sobrenatural e abstrato, mas que, ainda sim, precisa ser revivido.

Os personagens míticos primeiro são retratados em narrativas entrelaçadas com personagens sobrenaturais, que, apesar de serem modificados na condição humana real contemporânea, contam a origem das coisas existentes no cosmos (cf. ELIADE, 2007, p. 16). Portanto, a existência humana advém de um passado-distante que perpassa essa via elemental mítica, e que outrora já está condicionada a uma existência primeva, na qual é recodificada de forma intangível e revivida em sua

essência no mundo tangível através dos resquícios do seu transcurso até a atualidade.

A obra de Sophia revela uma grande preocupação estética, que não se restringe, insiste-se, aos movimentos literários. Independente da origem de temas e estruturas, a autora prioriza sua essência dentro da produção literária. Sua transposição escrita privilegia os poemas que dispõem de recursos da linguagem que fundamentam a condição mítica. Sophia traz um olhar ancestral em seus poemas. Quando a autora transpõe os elementos míticos à poesia, o tempo se perde dentro dos versos. A ausência do tempo, então, evidencia uma realidade atual transposta pela autora que pode ser explicada pela reflexão de Sousa (1981: p. 21): “[...] mais uma vez o atual se nos apresenta como decisivo, pois uma vez é determinante da história, outra vez é determinado pelo mito e, assim determinado, remete a distância do antigo para uma distância que o é de todas, por conseguinte, de nenhuma delas.”

Em um universo particular da autora, ela revive esses mitos tendo em conta um ambiente contemporâneo com um tempo invisível, ou, ao menos, difícil de se identificar. O mito se coloca em uma posição cultural que atravessa gerações e molda os pensamentos ao longo do tempo, é o ponto de partida para o desenvolvimento de novas formas de pensamento, pensamentos esses que passam por uma construção teórica, que não possuem ordem cronológica em sua originalidade, mas são cronologicamente transpostos, muitas vezes, em atos artísticos físicos e em uma temporalidade muito singular. “O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente.” (ELIADE, 2007). O olhar de Sophia para o mito atravessa para um lado real, partindo de uma percepção muito pessoal, transpondo uma experiência humana e poética através desse referencial mítico:

Apesar das ruínas e da morte,  
Onde sempre acabou cada ilusão,  
A força dos meus sonhos é tão forte,  
Que de tudo renasce a exaltação  
E nunca as minhas mãos ficam vazias.  
(ANDRESEN, 2018, p. 65.)

A exaltação que renasce desses sonhos presentes e fortes demonstra que o eu lírico tem medo de estar seguindo um caminho errado, mas suas mãos não ficam vazias, pois a inspiração que esse eu lírico tem são mais fortes que essas ruínas e ilusão. A exaltação da realidade da condição humana aparece sem temor e com

confiança do pressuposto que está seguindo. A autora recorre aos mitos para além de utilizá-los como temática; emprega-os para caracterizar a restauração da figura humana para a sociedade, como uma nova criação poética, que, novamente se pode dizer, contém características muito singulares.

Pensando amplamente, Eliade revela que, “Sendo a criação do Mundo a criação por excelência, a cosmogonia torna-se o modelo exemplar para toda espécie de ‘criação’” (2007, p. 25). Na estrutura mitológica, a palavra “mito” aparece como uma não verdade que pode ser desconstruída a partir de uma outra visão da história. Tendo em vista essa concepção, a obra de Sophia traz uma nova face para a transposição mitológica. Isso posto, se se considerar a seguinte concepção de mito, “[...] a palavra é hoje empregada tanto no sentido de ‘ficção’ ou ‘ilusão’ como no sentido – familiar sobretudo aos etnólogos, sociólogos e historiadores de religiões — de ‘tradição’ sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, 2007, p. 8); a autora refigura o mito de maneira que essa “ilusão” passe a consistir em momentos reais de inspiração para a sua criação poética, saindo de um ambiente fictício e transposto em palavras:

“Evohé Bakkos”

Evohé deus que nos deste  
A vida e o vinho  
E nele os homens encontraram  
O sabor do sol e da resina  
E uma consciência múltipla e divina.  
(ADRENSEN, 2018, p. 73.)

A transparência dos poderes de Baco, o dar a vida e o vinho, e os homens neles se encontrarem, demonstra o fato de que a humanidade pode ser divina, tanto de inspiração mitológica quanto de vivência humana dessa consciência múltipla, na qual unem-se e saem do campo ilusório. A multiplicidade desse mito em sociedades arcaicas demonstra um revestimento na religião cristã, que se contrapõe a tudo o que se coloca diferente dos testamentos religiosos (ELIADE, 2007, p.10), tentando desmistificar esse mito e colocá-lo como uma “ficção”. Compreender esse mito em partes é um pouco difícil, a organização do real se torna um código complexo, mas é fulcral, principalmente na obra de Sophia, alcançar o destino mitológico que entrelaça essa religiosidade no contemporâneo.

#### 4. Mitologia e Literatura

Tornando-se uma esfera consolidada e uma forma de linguagem que pode ser utilizada em uma ordem cronológica particular, o mito reverbera numa singularidade de narrativa que influencia a escrita literária. Como afirma Zilberman (1977, p. 42), “Transferido para a intimidade da arte literária, o mito renova e amplia seu lugar na cultura humana, convocando a teoria literária para a descrição e suas características.” A relação do mito com a sociedade atual foi estabelecida pelo *mythos* e pelo *logos*, cujo distanciamento entre si é, nas palavras de Jean-Pierre Vernant (2006, p. 15) estruturado muito tempo após seu surgimento, mas que, após essa distinção, influenciou inteiramente na modalidade de produção escrita, a literatura.

Incontestemente observar que o que se conhece de superficial, na contemporaneidade, do mito, são as histórias, conto de fadas, fábulas... nas quais percebe-se que um evento aconteceu, mas não é evidente em qual época e em qual espaço: não é nem datado, nem situado. São resquícios mitológicos narrativos em que, indiretamente, os deuses aparecem.

Partindo da perspectiva narrativa, a qual nas sociedades arcaicas exemplificou a verdade mitológica, a criação dessas narrativas é determinada como origem por Eliade:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (ELIADE, 2007, p. 11)

Assim, a realidade mitológica se caracteriza em uma forma de criação, um modelo, uma verdade que, através dessas histórias narrativas, sucede as atividades humanas significativas (ELIADE, 2007, p. 12). A linguagem utilizada para perpetuar essa narrativa mitológica, por muito tempo, foi a oralidade, que se manteve presente nas crenças de contos em uma época anterior, que se caracteriza por *mýthoi* (VERNANT, 2006, p. 15).

A literatura que advém de algo que já repercutiu intrinsecamente dentro da sociedade se modifica com o passar do tempo devido ao recurso da escrita literária.

É a partir dessa escrita moldada que se solidificam as ideias de deuses e sua repercussão mítica pela narrativa ou pela poesia. Jean-Pierre Vernant (2006, p.17) se questiona sobre a fundamentação do conjunto que reúne seres divinos, o qual é exposto por poetas mortais, modificados pela escrita literária, por poemas líricos ou narrativas. A quem deveria pertencer toda essa produção literária e ao mesmo tempo mítica? Ao domínio religioso ou ao literário? Paralelamente ao mito, a literatura registra alguns eventos, mesmo que modificados a partir do registro escrito, que podem trazer uma amplitude compreensiva, tanto para o contexto filosófico quanto para o histórico-literário.

[...] a denegação pura e simples, até as múltiplas formas de interpretação que permitem “salvar” o mito substituindo a leitura banal por uma hermenêutica erudita que revela, sob a trama da narração, um ensinamento secreto análogo, por trás do disfarce da fábula, às verdades fundamentais cujo conhecimento, privilégio do sábio, abre a única via de acesso ao divino. Mas, quer recolham preciosamente seus mitos, quer os interpretem, critiquem-nos ou rejeitem-nos em nome de outro tipo de saber, mais verídico, os antigos continuam a reconhecer neles o papel intelectual que lhes era comumente atribuído, na Grécia das cidades-Estado, como instrumento de informação sobre o mundo do além. (VERNANT, 2006, p.19-20.)

Muito se busca dos saberes mais verídicos possíveis sobre a real interpretação ou origem do mito, e a “cada raça ou origem de pensar” (ELIOT, 2007, p. 37) há uma interpretação que pode ser falha e conter a essência singular do seu originador.

## **5. Elementos da Mitologia Grega**

Em sociedades anteriores no Mar Mediterrâneo oriental, a Grécia era considerada não como um lugar físico, mas como um conceito, “[...] para [a]s quais gregos eram aqueles que falavam a língua grega. Onde quer que houvesse gregos, ali estava a Grécia.” (FUNARI, 2022, p. 13). A partir disso, para se situar diante dos elementos mitológicos, é importante ter o conhecimento da instalação da civilização grega, quando constituída pela Península Balcânica após a delimitação de terra naquela região. Outras regiões que permeavam o Mediterrâneo também foram ocupadas por gregos em busca de uma terra fértil, “Tudo isso, em diferentes momentos da História, fez parte do que ficou conhecido como Grécia.” (FUNARI, 2022, p. 14.) As

civilizações que são nomeadas como gregas foram se instalando em sociedades territoriais que já estavam civilizadas, como a dos anatólios, ocupando e constituindo mais uma civilização grega.

Em momento ulterior ao processo de dominação grega, um grande elemento lendário da cultura grega, Homero, com toda sua vivência e com seus poemas épicos oralizados em forma de cântico, possuindo elementos míticos que contaram histórias de grandes heróis, cativou os gregos por muito tempo (FUNARI, 2022, p. 21) e transcendeu sua essência para a posteridade, alcançando uma forma viva em experiências míticas e literárias.

Na civilização grega, não existia um livro sagrado que reunisse todos os elementos falados e cultuados que caracterizaram a religião mitológica.

As fontes e a riqueza dessa religião, cujos deuses eram bastante próximos aos homens e à terra, estava na vida concreta e cotidiana dos gregos que acreditavam que Zeus estava presente nas chuvas, Hermes acompanhava as viagens, Deméter determinava a sorte dos campos e Poseidon comandava os humores dos mares. (FUNARI, 2002, p. 57.)

As divindades mitológicas, para os gregos, eram elementos que influenciavam de forma direta na vida dos humanos mortais, o que estava atrelado, também, aos elementos da natureza, que estavam diretamente ligados aos deuses. “Outras entidades mitológicas — ninfas, monstros, sereias, faunos — estavam, também, sempre presentes e atuantes no cotidiano dos humanos: assustadoras ou brincalhonas, nocivas ou amistosas.” (FUNARI, 2002, p. 57). Dentro desses componentes, existiam não só os de proteção e segurança, mas também os que traziam perturbações e inquietação como reflexo das atitudes humanas.

Com o passar dos séculos, os mitos foram mudando devido à adaptação e ao surgimento da escrita — “Um mito escrito está para um mito em ‘função’, como uma fotografia para uma pessoa viva.” (BRANDÃO, 2000, p. 25), não mais em sua particularidade antiga, mas ainda existente, os elementos mitológicos conservaram um nítido caráter religioso (cf. BRANDÃO, 2002, p. 25).

A pólis, que se pode compreender como um estado soberano de costumes praticados por uma coletividade, o povo, estabelece também um culto aos deus e as “mesmas divindades protetoras” (FUNARI, 2002, p. 25). A forma de organização da mitologia grega era semelhante à dos humanos, “nessa comunidade divina, cada um desempenhava um papel [...]” (FUNARI, 2002, p. 25), papel caracterizado pelo dom

dado a cada um; Afrodite abarcava o amor romântico e a fertilidade; já Eros o amor erótico; Zeus dominava os céus e Hades o mundo dos mortos; Poseidon era o deus das águas, Ártemis, da caça, entre tantos deuses.

Havia, ainda, os semideuses, que compartilhavam a civilidade com os deuses, os quais tidos como heróis por possuírem poderes singulares, como Teseu, conhecido como um dos maiores heróis da mitologia grega, filho de Egeu e Etra, e que foi abençoado com sua força e a sua valentia, concebidas pelo seu pai, que, ao se deitar com Etra, desejou um filho que só descobriria a identidade do pai após conseguir levantar uma grande pedra; demonstrando, assim, o legado solicitado por Egeu e a confirmação da força de Teseu. Além da sua força, Teseu ficou conhecido como um herói que lutou contra o Minotauro, derrotando-o, elemento grego que possuía corpo de homem, cabeça de touro e assolava toda a sociedade, libertando, assim, o povo da tormenta do ser, uma batalha entre o bem e o mal (cf. abaixo análise do poema “Em Creta”).

Todos esses fundamentos e vivências gregas perpassam a sociedade que se coloca crente frente à mitologia e se prende a esses elementos vitais presentes nessa civilização, reconhecendo o divino que se manifesta a partir do seu ato de cultivar. A mitologia abarca toda uma história que acompanha o homem até à modernidade, transcendendo e manifestando a sua existência “[...] Diante da divindade a criatura só se pode sentir fraca, incapaz, totalmente dependente.” (BRANDÃO, 2002, p. 40.)

## **6. Eurídice, Personagem Mitológica**

A representação mitológica feminina da personagem Eurídice influencia papéis contemporâneos nas sociedades. Uma bela dríade que teve Orfeu como precursor de sua saída do inferno. Ninfa, amada por Orfeu, tentando fugir de Aristeu, deus dos pastores, cultuado pelas suas habilidades nas plantações, que tentou violá-la, Eurídice é picada por uma serpente e morre (cf. GRAVES, 2018, p. 180). Sem hesitar, Orfeu desce ao tártaro na intenção de resgatar sua amada.

Valeu-se para isso, da passagem que se abre em Aorno e Tesprotide e, ao chegar, não só encantou o barqueiro Caronte, o Cão Cerbero e os três juízes da morte com sua música melancólica, como também

conseguiu suspender temporariamente o suplício dos condenados. (GRAVES, 1985, p. 180.)

Assim, a todos Orfeu encantou com a sinfonia que saía de sua lira; por consequência, acabou abrandando o coração de Hades, deus do submundo, que lhe permitiu resgatar Eurídice de volta para o mundo dos vivos. Antes de terminar seu percurso, ao qual estava destinado, a perda de sua amada é inevitável, tendo em consideração toda a complexidade de romper o elo existente entre o mundo real e o mundo dos mortos presente na mitologia. Sua amada se desfaz como um espectro após virar-se para se certificar de que o deus Hades tinha cumprido com sua palavra, pois a condição para ter sua amada de volta era Orfeu não olhar para trás durante todo o percurso.

Além da figura da mulher estabelecida como uma condição para a ida de Orfeu até o mundo dos mortos, observa-se a falta de confiança tanto no juramento e permissão de Hades para ter Eurídice de volta, quanto na própria Eurídice, que, como relatado em algumas versões mitológicas (BULFINCH, 2002, p. 227), caminhava silenciosa, mas se fazia presente e próxima para que ele pudesse sentir sua presença e não olhasse para trás. Mas somente isso não foi suficiente, trazendo consigo uma efemeridade mitológica baseada em espectro. A figura feminina desse mito possui uma outra faceta, análoga à pagã, a cristã, na *Bíblia Sagrada*, no livro de Gênesis 19.17-26, encontra-se a passagem de Ló, que se estabeleceu a cidade de Sodoma, mas teve que deixar a terra onde vivia, pois muitos males estavam instaladas naquele lugar e, por isso, foi advertido a o fazer.

17. "Quando já estavam fora, um dos anjos disse-lhe: "Salva-te, se queres conservar a tua vida. Não olhes para trás, e não te detenhas em parte alguma da planície; mas fuge para a montanha senão perecerás". 18. Ló disse-lhes: "Oh, não, Senhor! 19. Já que vosso servo encontrou graça diante de vós, e usastes comigo de grande bondade, conservando-me a vida, vede, eu não posso me salvar na montanha, porque o flagelo me atingiria antes, e eu morreria. 20. Eis uma cidade bem perto onde posso abrigar-me. É uma cidade pequena e eu poderei refugiar-me nela. Permite que o faça – ela é pequena – e terei a vida salva". 21. Ele disse-lhe: "Concedo-te ainda esta graça: não destruirei a cidade a favor da qual me pedes. 22. Apressa-te e refugia-te lá porque nada posso fazer antes que lá tenhas chegado". Por isso, puseram àquela cidade o nome de Segor. 23. O sol levantava-se sobre a terra quando Ló entrou em Segor. 24. O Senhor fez então cair sobre Sodoma e Gomorra uma chuva de enxofre e de fogo, vinda do Senhor, do céu. 25. E destruiu essas cidades e toda a planície, assim como todos os habitantes das

idades e a vegetação do solo. 26. A mulher de Ló, tendo olhado para trás, transformou-se numa estátua de sal."

Ló também teve sua esposa desaparecida antes de cumprir seu destino, a religiosidade presente nessas duas vertentes da religiosidade, mitológica e cristã, revela características de uma verdade intrínseca na atualidade. Análoga à saída de Ló de Sodoma e à saída de Orfeu do Hades, a religiosidade dentro desse elemento mitológico possui uma grande influência, seja pagã ou cristã, eles se assemelham. Um fato que se enquadra em toda a história de Eurídice, seu encontro com o real e sua aproximação com essa religiosidade.

Cabe também observar que esses eventos possuem uma influência um sobre o outro, uma vez que o tempo no qual ocorreram corresponde ao de um período oculto, mas que, ainda assim, possuem uma carga de religiosidade e um apego ao que não é divino: "O iniciado morre aparentemente e do além retira sabedoria; mas ele, por ter olhado para trás, demonstrou apego ao mundo material, simbolizado por Eurídice." (SILVA, 2019, p. 6).

Com o passar do tempo, os eventos tornaram muito mais mitológicos do que quando ocorreu, colocando-o em uma condição de "[...] cantor, músico e poeta que tudo seduz e arrebatava pela sua arte." (CUNHA, 2004, p. 17), até a atualidade. Mantém-se, assim, a figura mitológica de Eurídice atrelada a essa história, que possui algumas particularidades, como, a importância do protagonismo da personagem feminina dentro de toda a narrativa. Em algumas versões do mito, diante de tantas existentes, relata-se a intervenção tardia de Eurídice dentro do mito de Orfeu, para que fosse necessário o reconhecimento de atitudes inadequadas durante sua passagem no mundo dos vivos, utilizando de seu glorioso dom musical (cf. CUNHA, 2004, p. 19); por consequência, ele perde sua amada e recebe como castigo antes de sua morte, a qual se sucedeu por ter sido apedrejado pelas Mênades trácias (cf. HARVEY, 1998, p. 368).

A religiosidade está presente no enlace da passagem de Ló com o mito de Eurídice em uma linha tênue. é possível ver essa aproximação no poema "Em Creta", o qual referencia uma escuridão advinda de um ser sobrenatural e com uma possível libertação para a luz:

Em Creta  
Onde o Minotauro reina  
Banhei-me no mar

(ANDRESEN, 2018, p. 432.)

O Minotauro, conforme já referido, caracteriza-se como uma criatura monstruosa, com a cabeça e a cauda de touro e o corpo de homem, fruto do encantamento de uma jovem humana chamada Pasífae por um touro branco. Enviado por Poseidon, o Minotauro era o suplício da população da cidade de Creta, vivia preso em um labirinto tão cheio de corredores que se entrecruzavam de tal maneira que, quem nele entrasse, não conseguiria mais sair. Sophia compara o reinado de Minotauro sobre o labirinto no reino de Creta com o reinado de um possível mal sobre a terra, de forma que o Minotauro representa o mal e o medo presente no eu lírico. Além da intimidade com o mundo antigo que traz um contato maior com a natureza, ela utiliza desses exemplos trazendo-os para a contemporaneidade. O que aparta Sophia de um cristianismo empedernido; de certa forma, é o enquadramento da religião em uma salvação que repercute para que todos anseiem por essa salvação enquanto que o mundo grego apenas separa os indivíduos do mundo dos vivos, levando em consideração esse aspecto. É perceptível que Sophia era cristã, mas não se limitava às normas e doutrinas da religião, pois, em uma possível visão sua, o homem tinha esse confronto entre Deus e mundo, ou deuses e outro mundo.

## **7. Análise dos Poemas sobre Eurídice**

Alguns dos poemas míticos de Sophia retratam a figura feminina, e uma delas é Eurídice, a qual se configura como uma personagem contemporânea, já que a autora a figura com delicadeza e muita clareza essa representação poética de reinserção temporal. O tema central de alguns poemas presentes na obra da autora, revela a sua inspiração, que parte da mitologia grega, explanando o mito de Orfeu e Eurídice. A personagem feminina é representação mitológica e não expõe um tempo cronológico, mas traz autonomia dessa representação.

Dentro da obra de Sophia, existem nove poemas que fazem referências explícitas ao mito de Orfeu e Eurídice, situados em mais de uma obra da autora. Alguns deles estarão presentes nessa análise:

"Eurydice"

A noite é o seu manto que ela arrasta  
Sobre a triste poeira do meu ser  
Quando escuto o cantar do seu morrer  
Em que o meu coração todo se gasta

Voam no firmamento os seus cabelos  
Nas suas mãos a voz do mar ecoa  
Usa as estrelas como uma coroa  
E atravessa sorrindo os pesadelos

Veio com ar de alguém que não existe,  
Falava-me de tudo quanto morre  
E devagar no ar quebrou-se, triste  
De ser aparição, água que escorre.  
(ANDRESEN, 2018, p. 209.)

Essa composição poética de Sophia, presente na sua obra *Dia do mar*, é uma das que retratam com mais inteireza o mito de Eurídice. Na peça, a poetisa destaca a personagem e se detém aos detalhes que se passaram na história, compondo-os com muito esmero.

No primeiro verso do poema, observa-se que é a voz de Orfeu, seu amado, que se destaca, ao lembrar de Eurídice e compará-la com poeira mostrado no segundo verso, elemento que não pode ser tocado, o que remete à efemeridade dessa figura feminina presente no poema. Em sequência, ele afirma escutar o cantar do seu morrer, como se estivesse vendo-a morrer num canto lento; em seguida, transparece um sofrimento no quarto verso, ao ouvir o canto de morte exposto no verso anterior. Orfeu percebe que seu contato com Eurídice está sendo breve e o eu lírico descreve esse acontecimento com a mesma brevidade em apenas quatro versos.

Na segunda estrofe, todos os versos retratam a visão que Orfeu tem ao olhar para ela no primeiro instante, demonstra os movimentos da personagem, os movimentos dos seus cabelos, o som da sua voz ecoando em comparação com o mar, uma voz distante, que parece estar sumindo. A terceira estrofe traz com total inteireza o sumiço de Eurídice como um espectro, após toda a descrição do acontecimento mitológico: "Veio com ar de alguém que não existe". Neste verso, Sophia descreve a o desaparecimento da personagem se concretizando a partir da visão de Orfeu presente na história,

A poesia permite a aspiração a uma ordenação cósmica e só ela poderá enfrentar "os pesadelos" numa busca permanente pela totalidade do ser. Contudo, a Eurídice coroada de estrelas está-lhe

destinado um reinado efêmero, porque, por ser "aparição", lentamente se extingue como "água que escorre". (CUNHA, 2004, p. 31.)

Em concordância com o autor, nota-se que Orfeu a vê, mas ela não está mais no plano real. Nos dois últimos versos da quarta estrofe, há a visão concreta de que a personagem se desfaz no ar, como um espectro, “De ser aparição, água que escorre” e assim, some, se esvai semelhante a efemeridade de colocar água nas mãos, algo rápido e para Orfeu, doloroso, pois perdeu sua amada, quebrando a condição que lhe foi dada para tê-la de volta.

Também denominado “Eurydice”, poema presente em seu livro *Dual*, o segundo poema em apreço traz a personagem feminina de Eurídice como protagonista, estabelecendo um elo entre o real e o espiritual:

“Eurydice”

O teu rosto era mais antigo do que todos os navios  
 No gesto branco das tuas mãos de pedra  
 Ondas erguiam seu quebrar de pulso  
 Em ti eu celebrei minha união com a terra  
 (ANDRESEN, 2018, p. 588.)

O mar aparece em alguns momentos na poesia de Sophia como um elemento muito importante, estabelecendo uma relação com a natureza e com a beleza das artes gregas. No primeiro verso, o eu lírico traz a presença dos navios como uma associação marítima para relatar a travessia e caracterizar o tempo, de um navio antigo dentro do mar e sua importância que perpassa esse tempo. No segundo verso, o elemento natural presente, a pedra, conota a capacidade de se perdurar durante o tempo, tempo esse posto por Sophia como referência ao mito e ao tempo de passagem da personagem até o mundo dos vivos. As ondas no terceiro verso são comparadas à instabilidade, seu “quebrar de pulso” em comparação com o perdurar da pedra. O poema revela uma vitalidade na figura de Eurídice e sua ligação com o real e a celebração do encontro com a vida (cf. CUNHA, 2004, p. 36), demonstrando a importância do tempo em que a personagem se encontra e seu tempo de passagem para essa celebração; um tempo inexistente que é refigurado para um tempo real.

“Orpheu e Eurydice”

Juntos passavam no cair da tarde  
 Jovens luminosos muito antigos  
 (ANDRESEN, 2018, p. 841.)

Esse poema, também presente no livro *Musa*, evidencia o amor mítico dos personagens, em plena juventude, transpondo um espaço luminoso comportado pelo “cair da tarde”, o qual também retrata um ambiente mítico, seguido de uma possível escuridão no poema “No tempo dividido”:

[...]Tardes inertes morrem no jardim.  
 [...]Caminho nos caminhos onde o tempo  
 Como um monstro a si próprio se devora  
 (ANDRESEN, 2018, p. 344.)

No último verso, as sombras que viriam posteriormente no “cair da tarde” ocultariam a presença do amor dos personagens, por já estarem juntos havia um período de tempo significativo no âmbito mitológico — “Jovens, muito antigos”. O poema caminha junto com o eu lírico, que perpassa na história do mito de “Orpheu e Eurydice” e contrasta a luminosidade do mundo real, o mundo dos vivos, o monstro que a si próprio se devora com a falta de luz se faz no caminho percorrido.

“Eurydice em Roma”

Por entre clamor e vozes oiço atenta  
 A voz da flauta na penumbra fina

E ao longe sob a copa dos pinheiros  
 Com leves pés que nem as ervas dobram  
 Intensas absorta — sem se virar pra trás  
 E já separada — Eurydice caminha  
 (ANDRESEN, 2018, p. 844.)

Na tentativa de recuperar Eurídice, o cantor da Trácia olha para trás e perde sua amada mais uma vez. É possível constatar que a cidade de Roma é comparada com o inferno, pois é para lá que Eurídice retorna, presente no último verso, “Eurídice caminha”, mas também, é possível ouvir o “clamor e vozes” de Orfeu através de sua flauta (cf. CUNHA, 2004, p. 38) em busca de sua amada.

[...] Àquele amor inteiro e nunca cego  
 Que emergia da praia e da floresta  
 Na secreta nostalgia de uma festa  
 Trespasada de espanto e de segredo

Agora jaz sem fonte e sem projecto  
 Quebrou-se o templo actual antigo e puro de que ele foi medida e  
 arquitecto [...]

Na série de poemas “Delphica”, que se encontra na obra *Dual* (ANDRESEN, 2018, p. 594), mais precisamente nessas estrofes, a presença do amor pode ser relacionada com ao mito de Orfeu e Eurídice, em que se busca uma inteireza na relação dos personagens, e uma transposição entre os mundos e ainda entre o passado e o futuro, Eudoro de Sousa, transpõe uma característica entre lonjura e outrora que quando relacionada às poesias e Sophia estabelece um elo entre a teoria, o mundo mítico e o real:

Assim, o horizonte se torna imagem da lonjura: a “imagem” está sempre diante de nossos olhos, a “coisa”, sempre fora do alcance de nossos passos. Mas se o horizonte físico é ilusão, há os que nunca o foram; há e sempre houve um “para cá” e um “para lá” de limitantes, de quaisquer limites de nossos anseios, se além do amor que nos coube em sorte, os de saber para além da ciência de que pudemos fruir. (SOUSA, 1981, p. 3.)

A imagem da personagem feminina, Eurídice, vista por Orfeu, torna-se real, mas, quando o olhar se direciona para essa imagem, ela se coloca distante se tornando uma figura ilusória representando essa lonjura do mundo mítico com o mundo real.

Eurídice perpassa todo o caminho em lonjura para chegar a esse mundo efetivo tão desejado por ambos, o que não se concretiza, assim que eles entram em contato com a luz do outro mundo, do mundo real. É visível que tempo, espaço, imagem, real e irreal são colocados dentro de uma narrativa que compõe toda uma categorização não cronológica no tempo mitológico, mas encadeada em eventos que ultrapassam essa linha temporal. Sophia retrata nesses poemas toda essa personificação do mundo mítico com muita clareza a partir de uma representação desses personagens em versos inteiros e concisos que caracterizam a transposição entre mito e realidade.

## 8. Considerações Finais

A inspiração e o encantamento pelo mundo grego, na vida e na obra de Sophia, são reconfigurados modernamente. “Todavia, se a única forma de tradição, de legado à geração seguinte, consiste em seguir os caminhos da geração imediatamente anterior à nossa graças a uma tímida e cega aderência a seus êxitos, a ‘tradição’ deve ser positivamente desestimulada.” (ELIOT, 1989, p. 38). Assim, o legado clássico refigurado pela autora consiste numa maneira singular de expressão, com o cruzamento entre o mito, a realidade, a religiosidade, a protagonização da personagem feminina; tudo isso, vazado a transparência da poesia de Sophia.

A recepção analítica dos textos comprova como se configura o tempo presente, relacionando-o com a recuperação clássica, que influencia a autora e permite compreender-se as circunstâncias que envolvem o tempo, a figura feminina, a religiosidade e a influência grega antiga. Sophia evidencia, em sua lírica, a cultura grega clássica, como recuperação da relação de proximidade entre o ser humano e a natureza. A autora reaviva a memória mítica, reinserindo-a em uma chave contemporânea e ressignificando o papel da personagem feminina.

Diante de todo contexto abordado que relaciona a recuperação clássica posta na contemporaneidade, conclui-se que, com a linguagem poética, Sophia revela uma sólida cultura clássica, em que transparece sua paixão pela cultura grega, quase sempre presente em transparência e luminescência. Trazer essa representação clássica para a atualidade, com recurso aos mitos gregos, denota a continuidade de uma herança comum e um traço de união entre a antiguidade e atualidade, permitindo, ainda assim, a constatação desse tempo nulo presente em todos os textos que possuem o elemento mítico, através da lonjura e outrora (cf. SOUSA, 1981), que faz todo o percurso, tanto dessa recuperação clássica presente, quanto do caminho percorrido pelos personagens, o que caracteriza uma união entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos, na obra, o mundo mitológico e o mundo atual tangível na conjuntura real.

## Referências

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2018.

BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. São Paulo: Canção Nova, 2012. p. 31.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. 26. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CEIA, Carlos. *Iniciação aos Mistérios da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Lisboa: Vega, 1996.

CUNHA, António Manuel dos Santos. *Sophia de Mello Breyner Andresen: Mitos gregos e o encontro com o real*. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda. Lisboa, 2004.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ELIOT, T. S. *Ensaio*. São Paulo: Art, 1989.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. O mito e a condição humana na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen. *Revista Texto Poético*, São Paulo, 2014.

FUNARI, Paulo Pedro. *Grécia e Roma*. São Paulo. Contexto. 2002

GRAVES, Robert. *Os mitos gregos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MONFARDINI, Adriana. *O mito e a literatura*. *Revistas de estudos literários*. Rio Grande do Sul. 2005.

PANAVIDEO. *Documentário: Sophia de Mello Breyner Andresen — O Nome das Coisas*. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s0MhPfK1OjY>> Acesso em: 12 nov. 2018.

RTP Arquivos. Entrevista à escritora Sophia de Mello Breyner Andresen, sobre a sua vida e obra poética. Lisboa, 1993. Disponível em:

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-sophia-de-mello-breyner/>&gt; Acesso em: 21 jun. 2022.

SERRA, Ordep José Trindade. *A Antropologia, a Mitologia e Sua Escrita*. Universidade Federal da Bahia. São Paulo: Clássica, 1998/1999.

SILVA, Amós Coelho da. *Orfeu e Eurídice*. Rio de Janeiro: [s.n.] 2019

SOUSA, de Eudoro. *História e mito*. Brasília: Cadernos da UnB, 1981.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZILBERMAN, Regina. *O mito e a literatura brasileira*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1977.